

27 de agosto de 1991 entrevista com Maria Josephina Albano

Como foi criada a escola de Serviço Social?

MJ. A escola de Serviço social foi criada por uma iniciativa de um grupo de católicos, a D. Stella de Faro e o Dr. Alceu Ameroso Lima são os dois que se destacam. Agora, eu sugiro que pra esse tema, ~~veja~~ ^{se} consulte o livro de Arlete, porque eu acho o livro da Arlete é mais completo nessa área e qualquer coisa que eu diga será repetitiva ou será menos completa.

E como você conhece muito bem o livro da Arlete e talvez se você tiver alguma coisa que completar, mas não tem né!

MJ. Não, não porque...

...Porque ela foi exaustiva

A Arlete

quando eu estava

e

Me entrevistou, eu tava no Canadá, mas eu mandei por escrito não é? a contribuição ^{meu} ~~não~~ é só ^{usa} informação histórica e diria que os meus Então eu omitiria isso só diria ^{uma} (fita interrompida) ^{ginasial} que aquela turma toda que tinha estudado ^{mais} não tinha onde continuar seus estudos a não ser o centro D. Vital (gravação interrompida)

...Bom eu fui da Ação Católica, estudei no Colégio da Assunção quando eu me formei no Colégio da Assunção em 1936, eu não tinha certeza o que fazer, eu queria estudar fazer ^{um} curso superior e meu pai dizia: "Vocês devem se preparar pra ganhar a vida, se não precisar trabalhar, ótimo! Empresa de outra maneira mas todos nós da nossa família nos formamos no curso superior. ^{mas} Maria, eu queria ser enfermeira, mas minha mãe dizia: "Não o curso de enfermagem ainda é muito de servente", naquela época em 36, então não aconselha, não encontrava nada que me satisfizesse. ^{havia} Não foi só, já ^{havia} sido criada a Universidade do Distrito Federal e eu fui fazer o curso de História e Geografia, que era um curso que me interessava pela parte de cultura, a pesar de que ^{era} ser professora do curso secundário não me animava muito, em todo caso eu fui pra lá, ^{UBF} Maria Junqueira Smith que ^{era} tava muito ligada a isso, ela me animou muito na parte de História e eu estudei muito e até me tranquei no Colégio Assunção em Sta. Tereza pra me preparar para o vestibular, ^{passou} tirei e comecei a fazer esse curso...

Eravam poucas mulheres também né? Ainda... na Universidade?

MJ. No meu curso, já lá na faculdade havia bastante mulheres, porque havia muita gente que eram professoras primárias que tinham feito o curso no Instituto de Educação e que foram pra lá como acesso porque lá era professor de nível ginasial.

* Lima, Arlete - Serviço Social: ideologia de uma década, S. P. Ed. Cortes, 1982.

filha

Na minha turma, várias mulheres inclusive a Branca Fiale, a filha da Branca Fiale e Luzia Caminha, várias, mas só quem se formou em História fui eu. Da turma toda/ as mulheres debandaram, ~~todas~~ só eu fiquei e terminei o curso de História. Bem, ~~mas~~ quando eu estava fazendo esse curso, ~~havia~~, tava ~~gostando~~ ~~que~~ havia muitos professores estrangeiros ~~ta~~ ~~ve~~ gostando do conteúdo ^{do curso} ~~mas~~ não era aquilo que eu queria. Cíntia D. Stella Faro, que tinha sido colega da minha mãe no Colégio Sion se encontrou com ela e disse assim: "Você tem alguma filha sobrando, porque eu vou fundar uma escola, é a primeira no Brasil e eu queria...", quem sabe interessava à sua filha!" Então a minha mãe ~~me~~ disse que tinha eu, que ~~tinha~~ terminado o ginásial, e contou a situação. Ela deu um prospecto. Eu me lembro muito bem que tinha Educadora Familiar de um lado e Assistente Social de outro, e eu me entusiasmei pela Educadora Familiar porque tinha muito, não só tinha o lado ~~tr~~ de casa, como tinha Sociologia, Filosofia e etc. Mas a minha mãe disse: "Não! a D. Stella disse que o que dá pra emprego é o Assistente Social. Então é melhor que você faça o Assistente Social, e como eu vi que as matérias que mais me interessavam que era essas que... Ciências Sociais, ^{Sociologia} Teologia e Filosofia havia nas duas áreas. Eu fui procurar essa escola, essa escola as diretoras tinham chegado, a Mlle. ^{do Rio} Mlle. Rosta que era a superiora e a Germaine Maurisseu que foi... (voce tem esses nomes todos escritos ^{Mely} ^{saud} ^{Sra.} ^{reki} direitinho) né? E a terceira era a Pietromatte que era italiana. Eram as tres que tinham vindo na primeira lava e estavam naquele pensionato na Glória ali onde tem o relógio da Glória, ali ^{havia} havia um pensionato e elas tavam hospedadas lá. Eu parti pra lá, e disse que queria me matricular na Escola de Serviço Social. Elas disseram, elas me deram o prospecto e eu disse que já conhecia e disse então você vai conversar com seus pais, e eu disse: "Não tenho que conversar com pai nenhum eu quero me matricular nisso aqui." Foi no dia 19 de março, a Mlle Marsau tinha feito uma promessa à São José, pra conseguir aluna.

Era o dia de São José!

W- São José e ~~mais~~ Josephina, ^{af} alias elas ficaram todas contentes, tudo mais: "Mas você não quer conversar?" digo: "Não quero conversar com ninguém, quero me matricular nisso aí." Aí me matriculei e elas ^{mais tarde} se mudaram para a Rua D. Mariana ¹⁴³ onde foi a primeira sede da escola de S. Soci-

al, Então pra lá eu fui em 1927, julho de 37.

~~O curso...~~ Nós éramos 8, eram 4 assistentes sociais e 4 educadoras. As assistentes sociais era: Maria Eloisa Sauwen que depois se casou com Giuberto Torres Barbosa que foi professor do Instituto Social. Margarida Vieira que se casou com Pinheiro Neto... João Pinheiro Neto quer quer coisa parecida e a Maria Luiza Fontes Ferreira que era muito ligada à ação católica e eu. Eram as 4 assistentes sociais. As educadoras eram: Wanda Matos Pimenta que hoje tem 12 filhos, Elza Sataminko, Maria Darsisca... Francista Wright.

Ah! Eu lembro dela

MJ. Se lembra?

Lembro

MJ. Uma senhora de cabelo longo...

Morava aqui ...

MJ. Isso mesmo! Aqui em cima.

Ela foi lá do colégio.

MJ. É Maria Darsisca... Ah! e Chica Reuch

A Chica

MJ. Sim. Conheci a Chica também. Quer dizer, era um grupo lindo. Então outras se inscreveram no curso avulso como Vivi Shiler, Isa, Paula Machado e outras,

Celina?

MJ. A filha da Celina. Não é Paula Machado não, era... ela é que é Paula Machado, ela casou... Não, o Cândido é que é Paula Machado ela era Game, né, filha da Celina. B... Elha é fina flor do Rio de Janeiro se inscreveu como cursos avulsos, faziam cursos com os professores daquele época. Poucos faziam cursos ou de filosofia, ou de sociologia, assim cursos altos, mas as que estavam fazendo cursos regulares eram essas oito.

Muito bem o que é que você quer saber agora?

Tai como foi criada, como você soube da abertura, como foi procurada, as colegas qual foi a sua motivação para estudar Serviço Social?

MJ. Bem! Não houve motivação. Foi pura curiosidade pelas matérias que eu não conhecia. Apesar de nós termos tido filosofia no colégio, não tínhamos Sociologia era uma matéria nova que estava surgindo, e eu achei interessante a combina-

~~ção de matérias com a parte prática, que falava em prática na área de primeiros socorros e etc...~~

~~Principalmente, echo que isso, porque nós não tínhamos nada, né como você mesmo falou. Era uma formação muito teórica...~~

MJ. ~~Nada, nada, nada... naquela época, e eu não sabia o que era Serviço Social nem me interessei por saber. Achei a Maursquina~~
~~elas foram muito gentis,~~
~~muito simpática comigo, e eu digo: vamos embora. Vamos ver o que que é isso, o que que dá. Agora... o que que você is falar? Então...~~

~~Você já falou, a outra é como você é... quais foram as disciplinas?~~

MJ. Sim, mas antes disso deixa eu só ~~te~~ dizer que eu continuei com o curso de História e Geografia, ~~VOF~~, ~~Tiz~~, Licenciatura, ~~H~~

~~Ah! Você não tinha for... estava formada~~

MJ. ~~Não, não, não tinha trancado não, não não eu tinha 6 meses de curso de história e geografia. O curso de licenciatura durou 4 anos e eu fiquei fazendo os 2 concomitantemente. A Mlle. Marseau~~ gostou imensamente de que eu tivesse fazendo ~~o~~ curso superior, disse que isso era muito importante para a cultura geral e tudo mais. Então eu frequentava o Instituto Social de manhã, uma hipótese e a Faculdade de tarde ou vice-versa.

~~Marsaud~~
Sem. No Instituto Social, imediatamente nós começamos com as matérias que eram dadas... lembre-se bem que não havia nenhum curso de Serviço Social no Brasil. Em São Paulo havia muito recente. Havia... ~~O~~ pessoal de São Paulo tinha ~~havia~~ feito uma série de palestras aqui e até algumas pessoas se consideraram assistentes sociais com essas palestras, mas nada de regular ~~havia~~ sido, nada de... de sistematizado havia sido implantado. ~~né, o que é... quais, quais~~ as matérias... bom, nô dia primeiro de julho de 37 houve a aula inaugural. Estava presente D. Sebastião Leme, que foi lá como eu disse na rua Mariana 73 e não 100 como eu tinha dito, aqui em Botafogo, ~~o~~ um curso... ~~uma casa muito bonita no meio do jardim. Esse curso... Noss~~ curso de Serviço Social foi orientado por três pessoas extraordinárias: Mlle Marseau, Alceu Amoroso Lima e Pe. Leonel Franca. Foram os que nos... que orientaram o curso. Mlle. Marseau dirigiu o curso, era uma orientadora extraordinária. Ela nos deu toda

a parte de Serviço Social, toda a parte de formação. As disciplinas do primeiro ano e os titulares demonstram q minha afirmação de que todos eram eminentemente cristãos. E muito com o pé na realidade brasileira. Filosofia com o Pe. Leonel Franca (jesuíta), Sociologia por Alceu Amoroso Lima e mais tarde por Jonata Serrano.; Direito Civil e Constitucional por José Ferreira de Souza; Serviço Social, moral profissional e educação familiar por Germaine Marséau; Anatomia e Higiene social por Hamilton Nogueira.

Foi meu professor.

M. M. Américo Piquet Carneiro, outra grande figura, mestre meu médico.

É? meu também. Puericultura por Luiz Torres Barbosa e Enfermagem Jacinta Pietromarte. No segundo ano, esse foi o primeiro ano, né. Eu vou falar depois um pouquinho sobre a prática. No segundo ano nós tivemos: filosofia novamente e Doutrina Social da Igreja pelo Pe. Manuel.. Pe. Leonel França Jesuíta. Economia Social e Política por Alceu Amoroso Lima; Demografia e Estatística por Lauro Viveiros de Castro (faleceu outro dia). Psiquiatria por José Lemos Lopes; novamente Educação Familiar, Moral profissional e Alimentação por Germaine Marséau; Legislação Sanitária e Assistência por João Amarante; Legislação do Trabalho por Barreto Campelo, aliás é avô daquela professora que nós temos lá na PUC—Angela Campelo que é doutora da Engenharia Industrial Legislação do Menor por Augusto Sabóia Lima Juiz de Menores Pediatria por Nelson de Almeida Prado que é a D. Lourença, que naquela época era o Nelson de Almeida Prado. Além desses cursos teóricos haviam os cursos práticos realizados na Policlínica de Botafogo; no Patronato da Gávea; no ambulatório do Morro do Borel; no restaurante da Associação de Senhoras Brasileiras na cidade; na Biblioteca pública e em várias creches de empresas.

Então durante o curso nós começamos visitando essas entidades, e na véspera de nossa visita estava escrito no quadro: "n'ont pas les bas, le chapeau et les gants". assim nós fomos às empresas, ao Morro do Borel nós tiramos os chapéus, no Patronato da Gávea era nessa base, era uma coisa muito séria, nos falava Mlle. Marséau, era um pouco moralista de mais, mas era o produto dos tempos. Ela fa-

zia muita questão do nosso comportamento. Porque nós éramos profissionais, seríamos profissionais e tínhamos que ter uma figura, uma imagem de muita seriedade.

Então depois de visitar, nós fomos destacadadas para essas várias instituições, ~~não vários~~ cargos. Na Policlínica de Botafogo nós aprendemos a dar enjeção, assistimos parto, aprendemos a fazer curativos, e ~~e~~, ficamos lá algumas por algum tempo.

E vocês eram acompanhadas, ou depois vocês iam sozinhas?

M. Nós éramos levadas, depois nós íamos sós. Ah! o restaurante das senhoras Brasileiras q era um restaurante pra comerciária, nós íamos observar como organizar um restaurante pra aquele tipo de clientela. Na Biblioteca aprendíamos a classificar livros, a como fazer uma documentação no sentido de como resumir um documento, como fazer um extrato de um texto de uma... de um texto qualquer

Uma coisa importantíssima.

M. Não é! Tudo isso. E na patronato da Gávea, que a Maria Clara já tinha sido fundado, por Ela, nós fizemos um, tinha um pequeno ambulatório, também tinha toda a parte de teatro tudo mais que nós observamos algumas até participaram um pouco mas no patronato da Gávea nós ajudamos muito porque haviam muitas daquelas senhoras que assistiam aulas aqui se lembra que aquilo era a fina flor também. Os que diziam que era uma escola de elite.

Foi na época.

M. Foi na época. Agora o pessoal mais deelite, porque as que fizeram o curso com excessão de 1 ou 2 que tinham o nível econômico mais alto, com certeza eram classe média como eu a Heloisa e etc.

Vocês tinham professores fora de série!

M. Era o melhor da época. Nem há dúvida, a gente que naquele época seriam de grande, de grande...

...projeção

M. projeção não é. Agora além desses cursos que eu mencionei nós tivemos uma série de palestras de assuntos atuais. Como por exemplo: nós tivemos com o Pe. Leonel Franca palestras sobre Freud e sobre Marx, isso em 37. Tivemos com o Dr. Clinto de Oliveira, que ali foi seu vizinho lá na...

é o Dr. Mário...

M. Bem Dr. Mário mas o pai dele. O Clinto de Oliveira que foi fundador

de fazer, de haver centros de pediatria, havia centros de puericultura que eram os de prevenir evitando que a criança ficasse doente. Velhinho muito simpático. Até dei à Arlete o retrato dele. E tivemos por um médico da policlínica cujo o nome eu não me lembro, foi sobre limitação de natalidade... O Dr. Bento Ribeiro de Castro fez palestras sobre higiene pré-natal e limitação de natalidade. Mas como era avançado!

IV. Não é tanto que duas alunas não quiseram assistir por que ficaram abaladas com esse negócio e com aquela senhora que foi depois carmelita e enterrada em Teresópolis, tá enterrada em Teresópolis, uma que era viúva e entrou pra ser carmelita, que eu não me lembro o nome dela. Ela nos deu também curso sobre limitação de natalidade. Eu me lembro que esse membro que esse médico da policlínica nos trouxe até em gesso a mulher e o homem. Ai, aquilo foi pra nós um negócio meio chocante, mas foi a abertura já que nós íamos trabalhar com essas pessoas, íamos assistir para. Então tivemos esses cursos.

O Profissor Dr. Lourenço Filho que estava, que era da Escola Nova nos fez palestras sobre Escola Nova. Ah tá qui ó! O médico que eu não me lembro o nome é o Dr. Bento Ribeiro de Castro que falou sobre limitação de natalidade mas principalmente sobre higiene pré-natal e aquela senhora cujo o nome eu não me lembro mas depois vou procurar

Carmelita

V. Oi!

Carmelita

VI. Carmelita. Eu vou localizar o nome dela. Ela nos deu sobre limitação da natalidade e Dr. Bento Ribeiro de Castro que era médico da policlínica nos deu sobre higiene pré-natal. Você vê como nós estámos... Bem! Foi um curso de 3 anos, intensivo de análise... tínhamos muitas análises e discussões sobre realidade brasileira e observação de problemas e programas sociais, nós fazíamos relatórios sobre tudo isso. No final dos estudos nós escrevemos uma que era chamada Tese que era o trabalho de conclusão de curso. A minha até foi publicada na revista A ORDEM em vários capítulos. Quando me falaram que eu tinha que fazer uma tese, eu tinha muito interesse nesse pela criança, então eu escolhi logo e disse a Mlle Marseau que ia falar sobre os problemas da criança no mundo! E eu queria lá... bem! Ela disse: "Vamos devagar você acha que vai dar tempo, você tem tanto tempo..." Ela

Trabalho

foi conversando eu fui reduzindo e cheguei aqui, a criança
no Rio de Janeiro. Muito bem. Essa defesa de Tese. Ah! an-
tes da defesa de tese deixa eu dizer que nós tínhamos mui-
tas provas escritas e orais, todo encerramento ~~uma~~ matéria,
que podia durar um semestre como poderia durar dois era
terminado, a matéria era terminado, o curso era terminado
com exames escritos e orais. Eu me lembro que eram exames
assim de 3 horas, e orais, para encerrar a matéria e depois
disso nós tivemos a tese, que a minha foi intitulada Prote-
ção à Infância abandonada e delinquente, aqui está no Bra-
sil pensei que tinha sido no Rio que foi publicada na re-
vista A ORDEM em 1940. A arguição foi feita no dia 23 de a-
gosto de ~~menina~~ amanhã. Em 1940 há 51 anos veja só. E
foi uma banca ilustríssima veja só: Dr. Olinto de Oliveira
diretor do Departamento Nacional da Criança; Dr. Augusto
Saboia Lima Juiz de Menores; Lourenço Filho - pedagogo di-
retor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e Stel-
la Faro fundadora do Instituto Social. Esses foram os meus
examinadores. E público, eu me lembro tanto... naquela sala
eu ali meu Deus, morrendo de medo, parece comum nunca ti-
nha havido aquele negócio, mulher discutindo essas ~~coisa~~ ^{asquinhos}
foi uma glória pois só fizeram estimular e elogiar esse ~~nos~~
~~coisa toda.~~ Trabalho.

A arguição se propõe a verificar os conhecimentos da
aluna quanto ao tema em pauta. ~~Em~~ 1940 eu recebi o títu-
lo de Assistente Social. Eu tenho até 2 diplomas que eu a-
cho que dei até pra Arlete. Um me chama de Assistente Soci-
al do curso de Assistência Social e depois tem outro que é
da PUC ^{chamou} Curso de Serviço Social e Assistência Social.

Agora me permite uma coisa voltando. Essa questão dos estú-
gios que você diz que vocês visitavam. Mas vocês faziam as
sim uma temporada num lugar e tinham uma espécie de super-
visão?

■. A supervisão era feita pela Mlle Marseau sempre. Tudo que
era de serviço social era com ela. Agora, se não ser na po-
liclínica de Botafogo que era a Pietromarte ^{chi} que era enfer-
meira e nós ficávamos, ficamos uns 3 ou 4 meses na Polícli-
nica de Botafogo. No morro do Borel ~~havia~~ um ambulatório.
Ah! o que é? Tinha uma obra?

■. Tinha uma obra que era uma espécie de laboratório de umas
irmãs de caridade e nós aí ficamos trabalhando. Então a ga-
te recebia ^{muito} ~~mais~~ da atividade os doentes, fazíamos um pouquinho de enfermeira
Porque nós tínhamos tido um curso de 1^{os} socorros com a Pi-
etromarte ^{chi}, dávamos injecções, fazímos os curativos...

de época.

... o que era favela, sobre o porque da favela, do problema da habitação da cidade. Fazia no Borel nós visitamos, as irmãzinhas nos levaram pra visitar as várias áreas da favela e nós começamos a frequentar a área, acho que foram 2 ou 3 meses ou 2 só eu sei que foi um estágio ajudando no ambulatório, visitávamos as famílias, visitávamos as mães... A Mlle Marseau tinha a idéia de que nós seríamos Assistentes Sociais dedicadas à família, e assistentes sociais dedicadas à família que tinham que conhecer todos os aspectos da vida familiar, ela discutia muito... (gravação interrompida) ... o orçamento familiar material, como é que agente deveria ajudar as mães a equilibrar o salário com os gastos, não havia a inflação de hoje. naquela época (1938)

Qual era a documentação que vocês tinham, quer dizer: livros essas coisas, não tinha nada não é? e documentos?

M.M. Nada, nada. Tudo era da cabeça da Mlle Marseau. E nós então fazíamos pequenos levantamentos das famílias sobre quanto elas gastavam. ... saber o que fazíamos no dia-a-dia, perguntavamos o que ela gastou ontem o que é que você comprou esta semana, e para ajudá-las a orientar no gasto familiar então nós eramos assistentes sociais familiares era essa a grande, o grande objetivo, porque a família era "a célula da sociedade." A família era ... uma sociedade que tem famílias equilibradas é uma sociedade mais saudável etc... Era muito nesta linha, tanto que nós tínhamos curso de cozinha, nós tínhamos curso de, que não tem aí, cursos de trabalhos manuais, nós fazímos eu me lembro que eu ainda tenho aí uma camisinha de pagão que nós aprendemos a fazer pra ensinar a aproveitar os retalhos, as senhoras fazerem essas coisas. Então era uma coisa bem prática, a idéia do assistente social trabalhando em política social, em outro nível. Bom: então como eu estava falando nós estagiávamos conforme o estágio, nós ficávamos mais tempo ou mesmo tempo, no restaurante por ex. nós ficamos talvez uns 3 ou 4 dias. Na biblioteca ficamos mais tempo, porque aprendemos toda a parte de fazer fichas e tudo mais. No tablado ficamos bastante tempo porque havia também o ambulatório onde algumas trabalharam lá, temos até uma foto nossa todas vestidas de enfermeira tudo bonitinho. Muito bem. Isso é o que você perguntou sobre estágio.

E quando terminou o curso como se tornou profissional, depois dessa grande defesa de tese?

M.M. Depois dessa grande defesa de tese! houve uma série de formações nos formamos duas vezes né, você vai ver pelas fotos

co no dia da formatura, foi a primeira formatura. Em 39
foi a primeira, depois tem uma com o Capanema, ~~houve~~ ^{houve} ~~há~~ ^{há} ~~em 40 que~~ ^{1940 que}
~~nós tivemos aí o título oficial você vai vendo esses dados~~
~~de Assistente Social~~

E durante esse curso de vocês havia alguma interferência do governo, porque já o governo as leis sociais já estavam em... fórmula.

M. Não, não havia. Nós tínhamos cursos... Essa matéria legislação do Menor e Legislação Social ~~que~~, como você viu. Mas não, a profissão não estava regulamentada nem o curso regulamentado. Muito bem! Enquanto eu tava fazendo o curso no 2º ano, Dr. Saboia Lima que era o Juiz de Menores me convidou pra ir trabalhar com ele porque não havia Juizado de Menores, não havia assistentes sociais no juizado de menores. As duas colegas a ~~Melissa~~ e a Maria Luiza ~~foram contratadas~~ ^{houve, houve...} pelo Estado, o município do Rio de Janeiro contrataou-as como Assistentes sociais. Qual é a terceira menina? Ah! a Satamini, Elza Satamini foi... não sei... começou a namorar a namorar um médico do ambulatório e... Brito Pereira e casou com ele. Eu sei que ela não trabalhou, eu acho que ela não trabalhou como Assistente Social. Então eu fui para o Juizado de Menores. Ah sim! Imediatamente fui contratada pela Escola ^{de Serviço Social} pra dar um curso chamado Técnica de Serviço Social, em março de 39 até fim de 40, dezembro de 40, eu ensinei Técnica de Serviço Social.

→ E o que era entendido como Técnica?

M. O que que era entendido como técnica. São todos os instrumentos do serviço social com suas respectivas técnicas: Relatório - Era uma que você aprendia a fazer relatório des de a folha de rosto quando você começava numa instituição, mesmo porque não havia nada de serviço social. Então numa instituição você fazia a folha de rosto, fazia um esquema para visita familiar e depois os relatórios todos derivados disso tudo. Então era técnica de relatório, como relatar. ^{havia uma} A ~~importância~~ de exatidão, de objetividade. Mas de entrevista, assim como...

M. De entrevista e de visita familiar. De entrevista é que eu me lembro muito, quando eu aprendi e que depois passei ^{que} ~~que~~ ^{que} as aulas que era a necessidade de tudo ser absolutamente, mas parece, parece chique mesmo, mas me lembro e as informações não podiam ser exatas, não podiam ser. "eu acho, eu me lembro...", não tinham que ser exatas, positivas objetivas, era um documento de uma vida humana, era um documento que ia servir para ajudar essas famílias e tinha que ser o mais

correto o mais completo possível. Além dos relatórios todos, relatórios de grupo como quando você citava reuniões com mães e relatórios ... e relatórios de toda as atividades do assistente social na área, quando você trabalhava com pessoas.

Além disso, de relatório nós tínhamos a parte toda de fichas, nós tínhamos aprendido já, mas era então aplicada na biblioteca do instituto nós íamos fichar livros fazer súmulas, estratos do conteúdo do livro, etc. que mais que eu ensinava?

Elas tinham uma boa prática!

- M. Era uma boa prática. Todas eram um instrumento de serviço social.

Agora uma pergunta assim minha de interesse particular Como era essa clientela você nota uma diferença, como elas aceitavam esse trabalho?

- M. A clientela de Serviço...era, era Social?

Você acha que é a mesma coisa? que hoje é...?

- M. Olha é difícil dizer que era mesma coisa porque a gente mudou também. Agora era mui... assim os amigos caídos do céu, porque elas nunca tinham tido esse tipo de ajuda, nós eramos assim muito afáveis, muito compreensivas. Agente via aquilo como trabalho. Havia muito nesses grupos primeiros, Ana Augusta que diga, a ... uma consciência de missão, de privilégio de servir, porque nós todas éramos da ação católica, todo esse grupo foi da ação católica e então a gente levava essa atitude e essa postura. E então era servir, então nós eramos muito compreensivas, a Mlle Marseau batia muito nesse ponto do respeito às pessoas, o privilégio de entrar na casa dos outros.

Havia uma alegria de vocês de poder exercer isso né!

- M. Isso, isso. E do privilégio da gente poder entrar na casa dos outros e que a gente tinhama com elas muita compreensão de pedir pra elas se sentarem, tudo isso havia toda uma postura de respeito à pessoa. Agora respeito ao valor humano, porque naquela época a gente não tinha muito esse negócio de não se envolver não. A gente até se envolvia muito e perdia o sono, essa coisa toda. Esse lado de objetividade que mais tarde eu apendi, a gente não... isso não era muito considerado. En-

tão nós eramos de fato pessoas caídas do céu. Eramos muito bem acatadas. Eu diria até que muitas vezes a gente se envolvia demais ao ponto de não impôr, mas sugerir até certas coisas ao cliente, coisas que hoje não se faz não se permite. Então eu acho que os tempos mudaram muito, nós mudamos e hoje em dia o povo está muito sofrido, tá muito desiludido. Então não era o caso.

Havia uma receptividade... Eles também eram mais abertos

M. Muito, absolutamente abertos, completamente abertos, porque de fato era uma surpresa ter alguém que se interessasse por eles. Então se tornava o nosso trabalho muito mais gratificante.

E vocês sentiam uma mudança, que vocês eram capazes de fazer uma mudança?

M. Olha a gente sentia demais. A gente... Eu por exemplo, eu vou falar de mim porque é difícil a gente dizer o que as outras sentiram. Eu tinha impressão Elisa, que eu subia a favela com uma malinha de serviços, e que eu era capaz de resolver todos os problemas. Eu me achava...

Eu muita pela minha ingenuidade.
Você tinha uma confiança...

M. Eu me achava... quase como eu tivesse uma varinha de cão...

Você não acha que isso ajuda quer dizer essa tua confiança, não é uma coisa que você transmite...

M. Transmite porque a gente tinha muita esperança, muito entusiasmo não só para juventude da gente e como, mas também pela ignorância da complexidade dos problemas sociais. A gente achava que ia resolver os problemas, e a gente tinha muito... se apoiava muito na gente, e nós eramos de um convencimento. E insuportava, quando fundaram as outras escolas de serviço social a Teresita e a Isolina, que Deus a tenha parecido até que morreu outro dia não é, nós tínhamos o maior desprezo por elas. A Mlle Marseau era muito dura ela achava que esse pessoal não sabia nada, depois a Isolina era uma pessoa que vivia com Soares Filho, isso aí pode até sair não vamos entrar no assunto quer dizer que... era uma pessoa que... como podia ser diretora da escola de serviço social quando morava com um cara que era casado. Bem. Mas quando havia as reuniões de serviço social nós eramos de um convencimento, nós e-

raços as donas da verdade, era uma coisa horrível. E a Mlle. Marseau não cortava isso, pelo contrário estimulava muito. Então isso foi uma falha muito grande com o tempo é que eu comecei a aprender que eu sabia muito pouco e que a situação era muito diferente.

Mas também como ~~uma~~ primeira profissão que estava começando, se ~~vocês~~ não tivessem essa confiança seria muito difícil vocês abrirem caminho, vocês precisavam ter ~~mesmo~~ ali...

M. E a gente tinha aprendido técnicas que eram desconhecidas, que eram novas ~~não~~. E então de fato nós sabíamos alguma coisa que era útil para nossa problemática social.

E aí nesse seu trabalho junto ao Juizado de menores, você que organizou? Porque não devia ter nada de serviço social...

M. Não... no Juizado de menores a situação era a seguinte: já começava, já começava não, continuava com uma população carente muito grande, um problema econômico muito sério, as famílias com muitos filhos, então acorriam ao juiz, ao Juizado pessoas que queriam internar seus filhos porque não tinham condições para educá-los. Então o juiz ficava muito atormentado com a quantidade de pessoas que iam pedir pra internar os filhos por causa disso. Ele queria, quando ele ensinava na ~~escola~~ ele viu que aquele profissional era um profissional que ele precisava pra justamente analisar a situação das famílias. Então ele me contratou pra isso. Eu via ~~a~~ ^{entrevistava} aquelas famílias, mas não visitava porque o Rio de Janeiro era muito grande mas tinha uma série de entrevistas com as famílias pra verificar até que ponto eles de fato precisavam internar. Eu diria que 90% dos casos eram casos de falta de dinheiro e então precisavam ser internados porque não havia outros serviços, só existiam as instituições do Juizado de menores pra internar essas crianças. Não havia lar adotivo, não havia nenhuma outra..., não havia creches, não havia nada dessas instituições.

E essas instituições o que que eram...

M. Eram os patronatos de menores havia o Instituto 7 de setembro o famoso SAM-Serviço de Assistência ao Menor que recebia essas crianças na triagem e depois manda-

de menores fora do Rio de Janeiro em Caxambu, Passa 4, uma série de instituições onde essas crianças eram educadas. O que eu fazia mais era selecionar a premência aqueles que eram mais... que era mais urgente a internação. O juiz assinava em cruz tudo o que eu dissesse eu tive uma luta muito grande com os escrivães do juizado de menores que estavam acostumados... a té se vendiam as internações naquela época...

Isso deve ter sido uma briga feia.

VW. Foi difícil no começo porque eles, não gostaram da minha ida pra lá mas pouco a pouco a coisa foi se acalmando e eu fiquei lá com o Saboia Lima até que ele passou a Desembargador e depois veio o Saul de Gusmão como juiz demôniores trabalhei com os dois e depois disso eu ganhei a bolsa pra ir pros EUA.

Era a única vara que existia de menores era essa?

VW. E, no juizado de menores o único trabalho que existia era esse em serviço social. A Maria Isolina Pinheiro, tinha trabalhado lá uma época mas não foi propriamente serviço social e foi fundada então esse serviço, o serviço social na minha pessoa. época.

Mas eu saindo de lá a coisa desapareceu durante muitos anos só voltou depois de muitos anos não me lembro quando.

Isso nós estávamos em plena guerra, quer dizer 1940...

VW. E, Mais ou menos, ainda não, ainda EUA não estava em guerra. Portanto o Brasil não estava ligado a isso à guerra Eu, fazia curso no IBEU Instituto Brasil-Estados Unidos e soube de uma bolsa para Serviço Social na New York School of Social Work que é a Escola de Serviço Social mais antiga do mundo foi criada em 1889, primeira escola de serviço social do mundo. Então eu me candidatei a essa bolsa e ganhei a bolsa mas...

Então foi uma coisa sua, completamente particular, não teve ...

VW. Não, eu fui lá...

Porque você tava cursando o IBEU.

VW. E, Tava cursando o IBEU particular completamente. Agora a bolsa não vinha, esteve aqui uma economista no Brasil que me procurou e eu convidei-a pra jantar lá em casa, o meu pai falava inglês muito bem era economista e ele con-

Ela voltou para os EUA e foi dizer à escola, porque a escola tinha mandado ela me entrevistar, foi dizer à escola que eu não falava inglês. A Miss. Elizabeth She Shirelli Echoes que foi a grande patrona do serviço social da América Latina até a ~~chamavam~~ nos EUA que ela tinha tido o serviço social na América Latina. Ela era a representante dos EUA no Instituto Interamericano da Criança que funcionava no Uruguai e ela veio a um congresso no Uruguai e de volta passou aqui no Rio. e descobriu... ela tinha feito, tinha tido a lua de mel aqui no Brasil e gostava muito do Brasil então passou uns dias aqui no Rio no hotel Glória onde ela tinha tido a lua de mel dela. Ela falava francês muito bem, falava espanhol E ELA FOI procurar... não sei como ela soube do serviço social, eu sei que ela foi parar no Instituto Social e lá disseram da minha situação. Aí ~~então~~ ela me procurou e eu tive uma conversa com ela, esteve lá encasa e ela voltou ~~para os~~ EUA revoltada, telefonou pra essa dona aí e disse a ela que ela não sabia o que era uma pessoa educada no Brasil que quando o pai falava ela não falava, não interrompia e que tinha conversado comigo e que eu falava Inglês e que tudo mais e imediatamente eles me deram a bolsa e lá ~~vou eu~~ fui pra o ~~EUA~~

Isso era quando então... passou quanto tempo.

10. Isso foi em... eu fiquei lá 2 anos. Isso foi em março de 48. Eu não sei se eu tiver falando demais você corra o negócio. Então Elisa, eu não via um filme que o meu pai e a minha mãe não tivessem visto. Tinha 25 anos e vou pra Nova Iorque sozinha, eu e Deus- imaginha só.

Mas seu pai pelo jeito dava muita força, ~~são~~

11. Me deu a maior força. Essas coisas que a gente não entende, Muito bem!

Aí lá na escola quando houve até um chá pra alunas estrangeiras o diretor disse assim: mas "imagina que fulaninha disse que você não falava inglês, quer dizer eu falava muito pouco, eu entendia tudo porque eu sempre lá en casa meu pai quando queria falar alguma coisa pra gente não entender, falava em inglês e, ou francês, e tudo mais e eu tinha ouvido muito preparado... Muito bem. O impacto foi violentíssimo, eu em Nova Iorque sozinha imagina isso.."

Como é que foi isso? Vocês falam pra onde? Vocês ficaram solteiros?

MJ. Eu fui pra um hotel nos primeiros dias depois a dona Stella Faro conseguiu um lugar pra mim no Calol Club que era um clube Católico pra moças católicas. (interrompi Esse curso, era, na New York School já fazia parte da Universidade de Colúmbia e era o curso de mestrado e eu não tinha ^{a menor} idéia do que era mestrado agora, como eu tinha meus 4 anos de Universidade ^(UDE) elas consideraram que eu tinha nível para fazer... ser candidata ao mestrado. Colegas minhas que foram na mesma época como a Marilia Diniz Carneiro para a Universidade de Fordham só deram certificado, não deram o título de mestre porque ela não tinha outro curso além do serviço social, mesmo tendo notas boas, e tudo. Depois a Aracy Peixoto foi para a Católica e a mesma coisa ^{aconteceu} apesar de que a gente lutasse pra isso não conseguia. Como isto era injusto.

E elas foram na mesma época?

MJ. Não, não. A Marília foi um pouquinho quando eu tava terminando e a Aracy foi muito depois quando eu tava na OEA. E houve outras depois que foram ~~me~~ para os EUA.

Quer dizer, você foi a primeira mesmo.

SIM, a MJ. Primeira a ter mestrado em serviço social no Brasil.

E outros latino-americanos? Havia vários.

Havia uma chilena Laura Vergara que ficou muito amiga minha, eu só me lembro nessa época da Laura Vergara, havia também uma havaiana que ficou muito amiga minha... Dorote José era neta de português. Mas a única latina-americana era a Laura naquela época, ela foi sub-diretora da escola Alexandre Del Rio no Chile, que é a primeira escola latina-americana de serviços sociais do Chile. Muito bem! O curso lá na New York School foi muito difícil...

Era muito diferente do que você tava habituada.

MJ. Intensamente, inteiramente diferente.

A visão de Serviço Social

MJ. A visão de serviço social, a postura de serviço social, eu me lembro de todas as assistentes sociais fa-

por pr

ziam análise, eu dizia 'Bom.' aqui todo mundo é doido que pra fazer análise tem que ser doido. Era minha mentalidade naquela época, mal sabia eu que iria fazer análise muitos anos depois. Era uma escola Freudiana, o curso por exemplo de higiene mental era puro Freud, eu me lembro que havia um livro de Freud que nós tínhamos que analisar e eu sabia que o Pe. ~~Francia~~ nos tinha dito que aquilo não tava certo o Freud com a linha dele de libido etc. Então eu fui à Universidade de Fordham da Universidade católica e expliquei o meu problema e pedi que me dessem uma bibliografia anti-Freud, então eles me deram e então eu fiz um trabalho anti-Freud e a professora me deu 10 porque eu estava coerente na minha posição. Mas era tudo...

Acho que coragem também, porque procurar abelha...

(10) Eu sempre fui cabeça dura, não é Elisa. O primeiro trabalho que eu fiz sobre serviço social de caso com a Miss Cannon ~~com dois ns~~, ela devolveu dizendo assim: "Is this Spanish or English?" aí eu fiquei tão revoltada fui falar com o diretor da escola e disse a ele: "Essa professora tão ignorante que não sabe que a gente fala português no Brasil. Aí ele riu ~~comigo~~, falou não se incomode não aí você vai fazer a sua prova... ~~avelmente~~.

MJ) Na New York School, uma escola iminentemente Freudiana com uma grande ênfase com trabalho com pessoas, eu tive muita dificuldade pelo ambiente, o ambiente em Nova Iorque, é um ambiente frio, um desconhecimento absoluto das colegas com as quais eu morava lá na escola, que... do Brasil e eu tive muita dificuldade porque eu tinha que fazer uma série de matérias que não eram do meu interesse, pelo fato de que eu estava fazendo o mestrado, eu não podia escolher só as matérias que me interessavam porque tinha que fazer as matérias obrigatórias do mestrado, como por exemplo: assistência pública nos EUA é verdade que tudo isso tá na cultura geral né. Mas... esse curso foi um curso não só teórico, mas um curso prático, eu fiz no primeiro ano, era eram lá 3 meses no primeiro eu fiz estágio na Catholic Charities que era agência católica de assistência à família eu fiz em Brooklyn que era uma área violenta eu fazia então acompanhava as famílias que eram assistidas pela agência. Eu me lembro que eu lia os relatórios dos assistentes sociais, porque eu não tinha nem idéia o que devia fazer o serviço social, qual era a metodologia do serviço social, qual era o trabalho do assistente social porque eu tinha aprendido muito pouco aqui, nós tínhamos aprendido técnicas mas não o processo de serviço social, eu tive muita sorte porque eu tive a Gordon Hamilton como professora ela foi minha professora em serviço social de caso uma senhora muito inteligente, tudo mais era o livro dela que foi depois traduzido que era o nosso texto de estudo, mas era uma senhora muito fria então o nome Gordon parecia que era um homem. Agora eu aprendi muito e eu me lembro que ela dizia muito que o assistente social não pode impor, que havia dois aspectos em torno do problema: o aspecto concreto de uma situação. Eu me lembro que ela falava por ex. sobre as duas viúvas, as duas senhoras enviuvaram, uma sofreu muito porque o marido era muito bom e a outra ficou feliz porque o marido era uma peste. Então vejam como o lado emocional é inteiramente diferente. Então a gente não pode ver só o problema separação ou viudez estudar esse problema mas estudar o que a pessoa o que significou pra ela a viúves. Eu me lembro que ela dizia que todo problema tem esses dois lados muito importantes que devem ser considerados e o nosso trabalho tem que ser sobre o que a

pessoa sente e a postura diante da situação muito mais do que a própria situação, e aprendi muito com ela e procurava então aplicar na minha prática esse trabalho

A Catholic Charities era uma instituição católica e então tinha muito aquela linha, nessa época já se falava, já havia divórcio nos EUA e o problema do aborto e tudo mais isso tudo pra mim era muito novo mas era tudo dirigido pela linha católica. Eu tive uma supervisora que era muito boa, muito compreensiva das minhas lacunas, todas e nesse primeiro semestre foi esse o meu trabalho acompanhamento de famílias que estavam... que eram carentes e eram católicos e recebiam ajuda dos católicos, porque lá os católicos iam para as agências católicas; os judeus para as agências judias; os protestantes para as agências protestantes.

E como é que você via.. quer dizes, não sei nessa época como é que você viapensava isso porque hoje é que a gente faz essa observação, mas era uma questão de adaptação ou era uma questão desse de questionamento? à sociedade do cliente?

Olha, eu nunca, eu não me lembro de jamais ter pensado que o indivíduo tinha que se adaptar à sociedade. Aquela linha de que a sociedade é perfeita, e tem consenso e que o indivíduo é uma disfunção, eu nunca pensei nessa linha...

Mesmo aqui no Brasil!

Mesmo aqui no Brasil, nós não diferenciamos essas linhas, e eu nunca tentei adaptar a alguém à sociedade ou

...a uma situação:

não, e pelo contrário, procurar o que havia, que possibilidade havia. Claro que havia muito poucas possibilidades aqui no Brasil. Lá nos EUA você tinha um livro deste tamanho, com todos os recursos, as agências, os serviços da comunidade com seu respectivo telefone, respectivo horário e que você transferia os seus clientes para as agências quando fosse o caso.

Sem nenhuma dificuldade quase.

Sem nenhuma dificuldade era o telefone que você usava. Até para você fazer os relatórios nós já fazíamos com o gravador, tinha uma salinha que íamos lá e ditávamos a

entação. Eu me saí bastante razoável... (gravação interrompida)

me chamavam muita atenção pra eu não me envolver com os casos e tudo mais porque era uma coisa que eu não tinha aprendido antes. Depois em outro semestre, outro trimestre, eu fui fazer estágio na instituição pública porque havia lá o Socil Securit act que dava ajuda financeira às viúvas, às mães com filhos pequenos, doentes que dependem de [redacted] que era praas mães solteiras que tinham filhos, para os cegos. Então o socil Segurit tinha um auxílio desemprego então na assistência pública, nessa agência de assistência pública era acompanhar as famílias que estavam recebendo esse benefício através dessa lei. Então o meu trabalho era verificar por exemplo: visitar as famílias pra ver se o indivíduo não estava trabalhando, quando recebia auxílio desemprego, para as mães que tinham seus filhos viviam sozinhas para ver se não estavam novamente casadas. Era quase uma fiscalização, apesar de que sempre a gente procurava trabalhar essa situação de estar dependente. ~~do auxílio público e as possibilidades de melhorar sua condição. Apesar de ser um~~

Eu ia dizer isso, o Estado era muito presente, quer dizer, ele... você passava o recurso do Estado, você não tinha nenhuma dificuldade nesse aspecto...

~~direito do cidadão, o assistente social questionava~~

MJ. Eles tinham direito e...

~~com o "cliente" a sua situação e orientava-o~~
~~E direito adquirido...~~
~~quanto às possíveis alternativas.~~

MJ. adquirido por lei... agora eu fui, eu sempre fui enviada para trabalhar com Portoriquenhos, porque pra eles espanhol e português era a mesma coisa. Nova Iorque sempre era uma cidade com uma população de portoriquenhos muito grande, uma área de favela que lá era localizada em eram casas, edifícios onde cada quarto vivia uma família com banheiros e cozinhas coletivas e eram lá que viviam os meus casos, entre aspas. Eu me lembro o pânico que eu tinha de subir aqueles corredores, subir as escadas quando não havia elevador meio escuro, porque luzes muito fracas, bater naquelas portas pra atender aquelas famílias, Eu fa sozinha era um verdadeiro pânico. E em Nova Iorque naquela área toda da, do Harlem onde havia muito preto

~~mente~~
No ~~primeiro~~ ~~segundo~~ ~~foi para um~~
~~aqueles subúrbios de Nova Iorque onde a situação era~~
~~menos, menos violenta. Lá foi que eu estagiei no segundo~~
~~estágio. No terceiro estágio me mandaram pra uma instituição em~~
~~também sua sua subúrbio de Nova I~~

Eu conheço eu tive uma prima que foi num hospital lá de recuperação...
estágio segunte fui em White Plains

Foi lá que eu fiz o terceiro estágio que era numa instituição de menores. De assistência à mãe com menores problemáticos, então aí a coisa também era mais suave porque era uma ... de classe alta então o pessoal que tinha esses problemas não era classe alta mas já era ambiente mais suave do que a violência de Nova Iorque. Aí eu fiz um trabalho, porque eu tinha eu sempre tive interesse esse pelo menor, principalmente eram pessoas que recebiam assistência da pública. Nos meses seguintes fui pra um hospital que fazia adoção, porque era um hospital de crianças chamado hospital, mas que colocava crianças em adoção. Aí eu trabalhei com essa, ... tanto com a família se é que essas crianças tivessem família mas principalmente com as famílias que queriam adotar. Eu fiz, foi... me ajudou muitíssimo, aliás todos esses foram de uma experiência muito rica, porque como tinha sempre supervisão, a supervisão... a partir de então ai é que eu fui aprender mesmo serviço social. E no último semestre eu demonstrei o interesse de conhecer outras instituições, então eles me fizeram um programa todo especial de eu visitar instituições diferentes na área do lazer, eu fui visitar centros a Settlement Houses que eram centros sociais, haviam estudantes até que moravam lá, então era o centro da comunidade onde havia toda espécie de atividade, biblioteca, festas, trabalho, de esporte, lazer e ... para a comunidade aberto à comunidade, aí aliás a Para mim era tinha sido uma das novidades, havia sido criado em Chicago, a famosa Hulls foi criado pelas Adams foram famosas. Então eu trabalhei um pouquinho e ficava um ... fazendo trabalho com grupo e comunidade.

Isso tudo era governamental, quer dizer a nível municipal?

Não. Muitas, a maioria era particular a única governamental era aquela de assistência pública, todas as outras eram particulares.

Continuando com aquela separação de católicos e protestantes?

Não. Nas agências de assistência à família era assim, mas nos Settlements Hall no centro comunitário era centro comunitário mesmo, eram das comunidades. É verdade que as comunidades eram muito homogêneas no sentido de que

outros
de Poloneses ou de imigrantes...

Mas como é que funcionava? Eles davam uma contribuição de onde vinha o dinheiro?

MP. Vinha... nos EUA a população tem muito sentido comunitário. Então eram as instituições, as empresas que davam ajuda, que davam para essas instituições haviam também contribuições do pessoal da comunidade que não era de classe que recebia essa assistência mas havia muito esses sentido de que eles ajudando a comunidade carente isso melhorava a qualidade de vida, havia muito isso esse sentido comunitário. Ah, visitei assim uma série de instituições, nessa época que eu já estou no meu segundo ano do mestrado, o mestrado lá durou dois anos, 41, de março 41 à dezembro de 42 eu...

tinha... participei de várias coisas, fiz vários cursos fiz outros cursos, meu pai... eu tinha muito medo de falar em público... meu pai me aconselhou que fizesse um curso de oratória então eu fui fazer um curso daquele famoso *Dale Carnegie*, que tem aquele livro "How To Make friends and influence people". Eu fiz um curso lá de oratória aliás muito interessante porque eles começavam sempre com historinha, aliás é típico do americano começar sempre com uma historinha ou uma piadinha né, eu fui me desenvolvendo muito nessa parte de falar em público e... dei para eu ver aqui se tenho mais alguma coisa. E participei muito de congressos; me lembro da National Conference of Social Work em Atlantic City para a qual foram convidadas as diretoras das várias escolas de serviço social do Brasil. Nessa época já haviam umas 4 ou 5, eu me lembro que Stella Faro foi, Dona Terezita Porto da Silveira foi, acho que Maria Isolina também foi e aí então encontrei as brasileiras todas. Depois nesse segundo ano o *doce* eu passei a ter uma bolsa do

Chen Bureau que deu umas bolsas a estrangeiros que queriam estudar serviço social. A Miss *Enochs* escoiou na América Latina vários, então nessa época estava lá a Helena Junqueira, a Nadir Kfouri e ambas fizeram 2 anos só, 1 ano só lá. Uma do Equador... haviam pessoas de toda América Latina, haviam umas 10 fazendo o curso de serviço social, e nós fomos então todas ao congresso ao National Conference Social Work em Nova Orleans. Eu me lembro que nós fomos todas juntas e foi

of child welfare muito interessante. Houve também a Pan-América Conference em Washington onde foram várias pessoas de vários países, até o Mário Clinto foi, então nós éramos sempre convidadas e elas abriram muita oportunidade para a gente participar.

Uma coisa que eu queria participar, você falou dessa leitura de Freud eu queria saber se a escola tinha já uma visão psicológica do serviço social ou...

postura - Voltando a falar sobre Freud, a NYSSW tinha uma M.J. Muito psicanalista do serviço social. Era conhecida por isso, acho que era a professora de higiene mental que era psicanalística à escola, muito. Agora eu acho que está mais soft. Naquela época era violento mas era considerada uma das melhores escolas dos EUA como hoje... até hoje é uma das melhores.

Sua Quer dizer, então a ênfase era muito no indivíduo, não tanto na comunidade...

M.J. Muito no indivíduo, nada não.. não se questionava a comunidade, não se questionava o American Way of Life nem o capitalismo nos EUA absolutamente, nada disso era questionado. Mas ao mesmo tempo não havia eu não me lembro de haver aquela posição de que o indivíduo tinha que se adaptar à comunidade, jamais. Agora como havia muitos serviços você tinha esses recursos, enviá-los pra instituições especializadas e tudo mais.

E.. como você já falou anteriormente, era uma questão de adaptação mas de levar à condição dele né, quer dizer... e ajudá-lo a encontrar uma solução.

Tratado M.J. Isso, isso... e dele compreender a realidade na qual ele viviam. O Portoriquenho que era massacrado, que era como era o negro, mas que era... a gente não discutia com ele isso.., não tinha essa... tráhamos essa relação com a estrutura, mas ajudávamos com dentro daquela realidade, como ele poderia viver melhor.

M.J. Isso ou menos mal. Agora, nós não tínhamos consciência de ajudá-los a ter um espírito crítico, aliás isso nunca houve na minha época de estudo, essa necessidade do espírito crítico. Nós não criticávamos os professores, nós levantávamos alguns questionamentos óbvios, mas nunca de uma... sobre um sistema que dirigia o país nem nada disso,

do Pe. Leonel Franca sobre o comunismo, mas o comunismo era aquele comunismo ateu materialista.

Nessa época no segundo ano, eu fui convidada... Ah sim! Nós já estávamos em plena guerra, a guerra tinha sido declarada em dezembro, os EUA tinham entrado na guerra em dezembro de 41 em ¹⁹⁴¹ e aí houve um congresso ^{com} ~~de~~ ^{da} ~~neighboor Policy~~ aquela política nos EUA da Good nameu palace eles precisavam da América Latina, precisavam das bases principalmente do Brasil pra fazer o trajeto EUA/Africa e Europa e então a Miss Roosevelt ^{depois do} presidente era o Roosevelt organizou um ^{congresso} ~~de Mulheres~~ qualquer coisa assim que foi realizado no Russell Sage College, que era uma universidade em ~~no Estado de~~ Nova Iorque em 41, foi em 41 isso foi em 41 esse ^{começou an} tes da guerra foi em 41 e eu vou dizer porque que eu sei. E então convidaram 10 mulheres latino-americanas para participar desse congresso com a Miss. Roosevelt ^{Mrs Enochs} A Miss Inox ajudou a escolher as damas e eu fui escolhida como uma das damas todas eram senhoras e eu era a única estudante como a outra do Peru que era escritora e estava estudando lá também. Então nós fomos para a cidade de Troy, N.Y. fomos hospedadas pelas famílias e foi muito interessante porque eu me lembro que a Miss Roosevelt, sentenho até fotografia disso Arlete tem todas as fotografias, disse assim: "Eu vou começar pela Miss Albano que é a mais jovem do grupo e que eu ouvi dizer que está muito nervosa". Então eu disse assim: "This is not good neighbor Policy!" e o gravador estava ligado e aí todo mundo viu e aí todo mundo achou graça, era um salão imenso uma espécie de teatro, então aí eu relaxei porque todo mundo achou graça da minha pia da né. Então houve uma série de palestras, de conversas com essas senhoras e no fim me deram um ^{perguntas} ^{ms} ~~diploma~~ eu tenho um ^{ms} ~~diploma~~ ^{Honorary} ~~Degree in Human Letters!~~

E o que significa isso?

11. Bom, Human letters são as letras humanas e. Deram esse ^{Título} a eles deram um ^{fazendo de graça} a todas as damas, todas elas receberam doutorado porque já eram mais velhas e nós duas mais jovens recebemos master of human letters em 1941 no ^{, outubro,} eu tenho até o diploma. Isso eu me lembro bem que foi em 41 porque minha mãe faleceu em outubro de 41, e eu

quando voltei de Nova Iorque eu pus no correio, eu fui na agência central do correio, eu não sei por que eu pus no correio as fotografias que saíram no jornal, inclusive um artigo da Miss Roosevelt dizendo que tinha ficado impressionada com uma estudante brasileira que tinha falado... ^{sobre as mulheres latinas - americanas} não sei o que... e imaginei ... falar ao meu respeito e eu mandei isso tudo pro Rio, e chegou na véspera da morte da minha mãe, minha mãe ~~no~~ dia seguinte teve uma trombose e morreu. E eu que era o... patinho feio da família, a minha mãe ficou muito orgulhosa e eu digo: "Bom. Isso aí pagou um pouco dos meus pecados."

Bom, aí eu continuei lá terminando o curso, terminando o curso eu fiz uma tese, que aquela menina... bem tá lá na biblioteca da Colúmbia. Teve uma menina que teve lá quando a Cida estava lá ela foi na biblioteca e localizou a minha tese, e tá lá. Foi somente sobre menores, porque eu peguei muita documentação do meu ECC daqui ^{do EUA} e fiz a tese e foi aprovada e tudo mais e eu recebi o título... ^{de Master of Social Work} lá na Universidade de Colúmbia que ~~Voltei para~~ que foi... que era assim chamada naquela época. Aí eu vim embora para o Brasil, vim embora pro Brasil em fim de... 1942, eu me lembro que era durante a guerra, é... foi muito difícil vir pro Brasil porque eu tive que vir pelo Atlântico porque haviam aquelas prioridades. Eu fui despedida do avião várias vezes porque chegava um general ou qualquer coisa, tinha prioridade e afinal cheguei ao Brasil e fui convidada por Dona Anita Carpenter Ferreira para trabalhar na LBA que tinha sido criada por Doma Darcy Sarmanho Vargas em outubro de 42. Eu cheguei no começo de 43, e tinha por finalidade a LBA assistir as famílias dos pracinhas, nós tínhamos mandado tropas para a Europa, não é?, como você sabe a Dona Darcy criou essa instituição porque as famílias dos pracinhas tinham ficado em desamparo e chamou D. Anita Carpenter Ferreira para colaborar com ela e D. Anita que nunca tinha trabalhado ^{ALBA} na vida e era uma senhora muito distinta, muito inteligente, disse que queria uma assistente social pra trabalhar com ela. Ela já tinha ouvido falar em assistente social, então me indicaram a D. Anita e eu conversei com ela, houve uma empatia e eu fui convidada para

trabalhar com ela. Nós então fizemos um planejamento inicial porque ela ia ficar encarregada da área do menor, para ~~ver~~^{entender} as crianças dessas famílias que precisavam de assistência e as instituições de menores.

Eu levei pra trabalhar comigo muitas assistentes sociais que já estavam formadas, como a Zilar Villela Teixeira que depois passou a ser Timóteo, levei a Maria Silvia Ribeiro, Izabel Gonçalves e outras que eu não me lembro agora o nome, foram trabalhar comigo e nós organizamos esse trabalho para as famílias, para as crianças dos pracinhas. Esse serviço se ~~estendeu~~^{quando} mais tarde pra toda criança carente ~~então~~^{a Legião} começou a assistir ~~todas~~^à crianças. ~~necessidade~~

E aí você acha que... você afi já teve oportunidade de aplicar...

~~do que eu aprendi no EVA eu comecei~~
~~Hab.~~ Muito. Tudo o que eu trouxe de lá. ~~a adaptar à~~
~~realidade brasileira.~~

~~Uma pergunta que eu tinha curiosidade era... você lá já tava mais dividido assim... já como serviço social de casos... que não havia no Brasil ainda né... já lá havia uma matéria separada...~~

~~→ Desde o começo de minha Vida profissional que~~
~~Hab.~~ Eu sempre ensinei e trabalhei. Sempre. Porque eu não admitia que a gente ensinasse sem ter experiência, então enquanto eu estava na Legião eu fui contratada pelo Instituto Social pra dar primeiro ~~o~~ ^{curso de} serviço social de caso... (fita interrompida) ~~em março de 1943,~~

~~Você tava na fundação da Legião...~~

~~Hab.~~ Eu já falei isso né?

~~Não, você tava falando que teve uma empatia com a dona Anita ...~~

~~Hab.~~ Ah Sim! E você perguntou se eu...

~~E aí eu falei se você tava aplicando o que tinha aprendido, e você disse que deu o primeiro curso de...~~

~~Hab.~~ Eu dei o primeiro curso de serviço social de casos no Instituto Social em 1943 e deu depois um curso de ser-

vição social do Menor para assistentes sociais formadas e dei o primeiro curso de supervisão em 49 que até a Ana Augusta fez e disse que tem o diploma assinado por mim. Então eu trabalhava e ensinava, sempre... agora pela primeira vez na minha vida é que eu só sou ensinando, durante toda a minha vida eu fiz as duas coisas. Então na Legião... nós... e eu apliquei muito, apliquei muitíssimo nós queríamos até fazer um lar adotivo, porque nós víamos que os problemas da criança eram na sua grande maioria problemas financeiros e que era uma pena separar essas crianças dos pais eu já tinha muita consciência da vida familiar e dos pais no desenvolvimento da criança, e então isso não foi possível, era muito cedo ainda, mas nós fizemos muito esse acompanhamento das famílias e algumas internações e visitamos também as instituições de menores que existiam no Rio de Janeiro. Eu esqueci de dizer, quando eu estava no Juizado de Menores, nós fizemos o primeiro cadastro das instituições de menores e visitamos essas instituições, um funcionário e eu visitamos todas as instituições para fazer um cadastro das instituições de menores.

Posteriormente a Legião publicou o catálogo de obras sociais. Muito bem. Então lá na Legião eu trabalhei também na Campanha Nacional da Criança. A Dona Anita com o auxílio do Chatobrian, Assis de Chatobrian, criou a campanha nacional da criança. O que era a campanha nacional da criança era levantar fundos para levantar Centros de Puericultura no Brasil, havia muito centro de pediatria pra criança doente, mas o Dr. Olinto de Oliveira se batia muito com a Centro de Puericultura que era aquele que era para conservar a criança sã, saudável e que não ficasse doente e com as vacinas que já existiam naquela época. Então a campanha nacional da criança nós fomos enviados primeiro ao norte, nordeste, ao norte do Brasil o Dr. Hermes Bartolomeu um médico do Departamento Nacional da Criança e eu e uma americana que estava aqui Rose Hovernaize que era descendente de portugueses falava Português, ela falava português de Portugal porque era descendente de português ela então quis se associar ao nosso grupo e então nós fomos a cada estado do Brasil e do nordeste, desde a Bahia começamos pela Bahia e fomos até Porto Velho, naquela época era o território do Guaporé. Ficando

mos a capital e duas ou tres cidades do interior, o objetivo era divulgar a importância do centro de puericultura e escolher o local para construção e implantação desse serviço. Então a gente conversava com todas as autoridades de saúde da criança se é que havia... e... e outras relacionadas

Os recursos vinham de onde? da LBA?

M.J. Do levantamento que o Assis Chatobrian fez

da campanha não é...

M.J. financeira da campanha nacional da criança. Então o Chatobrian levantou um dinherama que era dado pelos Estados. Então nós fomos a todos esses Estados até como eu disse, até Guaiporé, de Guaiporé nós fomos até Mato Grosso e de Mato Grosso nós voltamos pro Rio porque em Goiás já tinha estado um médico do departamento nacional da criança e até hoje o único Estado do Brasil que eu não conheço é Goiás inclusive Brasília, eu não conheço Brasília.

Nessa viagem, D. Anita Carpenter disse pra mim vamos conseguir com a Legião umas bolsas para que venham moças estudar serviço social. Então, foi... a Legião destinou uma verba para formar assistentes sociais dos Estados. Então eu escolhi em cada Estado em que eu passei uma pessoa pra vir estudar Serviço Social aqui. Eu me lembro que: Margarida... Margarida não... Meu Deus do céu... Margarida sim Margarida que depois fundou a escola de Serviço Social de Natal depois eu vejo o nome todo dela, eu me lembro que o pai dela era um desembargador e me disse assim: "Eu lhe entrego a minha filha" e ela veio estudar serviço social aqui. Veio uma da Paraíba... a

E como você fazia essa seleção?

M.J. Eu ia aos grupos de ação católica, de algum grupo que houvesse de mulheres na cidade, consultava as

autoridades com quem nós tínhamos contato para o centro de puericultura e eles me indicavam. Então a... Eu me lembro que na Paraíba eu falei com o governador e ele disse: "Eu vou lhe dar a mulher mais inteligente da Paraíba, e de fato era muito inteligente. Eu preciso pegar o nome dessas pessoas pra te dar." *Jandira de Oliveira Pinto*. A Delma Basílio

de SIlva Eu no Piauí até hoje ela foi muito ativa fundou dando a ^{primeira} escola do Piauí, trouxe do Maranhão, olha, eu trouxe umas oito ^{moças} que fundaram, vieram praqui ^{Cá} e fizeram o curso regular aqui e depois voltaram para ^{sua} estados e fundaram a escola de Serviço Social. *M. Dolores Cruz Coelho Vilela de Pernambuco.*

E nesses o que existia de...

Nos Estados havia somente

MJ. de serviço... essas coisas? Praticamente nada, alguns asilos, serviços médicos alguns mas mais na área curativa e asilos, chamados asilos para crianças e pra velhos eu me lembro de ter encontrado. *Eram*

E tudo era de...

MJ. Particular...

Particular ^{digidas por}

Particular com religiosos e religiosas, ^{recebendo}

MJ. Com religiosos e com alguma subvenção do governo, ^{como} mas muito pouco. Mas a época era... não havia inflação como agora, a situação era ^{muito pouco} mais fácil.

A ação católica também tava muito ativa e ai eu trouxe algumas da ação católica. Essas moças todas fizeram curso aqui, se saíram muito bem e como eu disse depois fundaram escolas, eu preciso conseguir os nomes delas pra você deixe eu anotar aqui. Eles são muito importantes.

E nós fomos então, eles nos indicavam quais eram os Estados do interior, qual os municípios do interior que nós devíamos visitar e eu me lembro que nós fomos até Icó no Rio Grande do Norte cujo Bispo era Dom Dalgado que depois faleceu. Dom Dalgado tinha uma escola e as meninas faziam ginástica de calção como uma coisa extraordinária naquela